



AS PLANTAÇÕES de café em Campinas ao tempo do Império. O Estado de S. Paulo. São Paulo, 05 mar. 1947.

## As plantações de café em Campinas ao tempo do Império

Estado 5/3/47

CAMPINAS. 4.

Tivemos o ensejo de focalizar, nestas colunas, o papel de Campinas no desenvolvimento da indústria nacional de máquinas agrícolas, notadamente no tocante às máquinas de café. Queremos, agora, oferecer à atenção dos leitores do "Estado" alguns dados com relação à cultura do café nas terras do município.

No ano de 1872, o botânico Joaquim Correia de Melo, cujo nome ilustre se acha perpetuado em um Grupo Escolar Municipal e em uma praça pública, desta cidade, deu à publicidade interessante artigo, intitulado "Café-Campinas". Nesse trabalho ficamos informados de que "o cafeseiro, "Coffea arabica", Linn., proveniente das paragens mais quentes da Etiópia e da Ásia, de onde foi transportado para a Índia, depois para a Europa e daí para a América meridional, dá-se otimamente nas terras deste município.

Correia de Melo tem, no artigo ora considerado, registrada uma sua curiosa observação, curiosa, dizemos, porque nos recorda um dos argumentos de que lançam mão os propagandistas da cultura cafeeira sombreada, isto é, árvores de sombra nos cafezais. Na cultura sombreada do cafeeiro, apregoam os entendidos, a maturação se processa de maneira uniforme, e daí a qualidade excelente do produto oriundo de lavouras assim estabelecidas. O nosso ilustre botânico assim se manifesta, em seu artigo do ano de 1872: — "...com a notável circunstância de todos os indivíduos, que fazem parte de plantação, florescerem ao mesmo tempo, e provindo disto o igual desenvolvimento e amadurecimento dos frutos, e, por consequência, das sementes ou "café" propriamente dito. E' este fato de suma importância, não só porque a colheita torna-se extremamente fácil, como porque a igualdade do amadurecimento do "café" constitui uma das suas boas qualidades; e é sem dúvida devida a esta vantagem a superioridade e, daí, a preferência no mercado, do "café" deste município, conhecido pelo nome de — "Café Campinas".

Nestas condições, os cafeeiros campineiros, já para o ano de 1872, produziam autêntico "mild", café de primeira qualidade, tão bom quanto aquele colhido nas lavouras sombreadas da Colômbia. Como explicar tal fato, numa plantação de café a céu aberto? Acreditamos que a maturação, uniforme, em os cafezais do município de Campinas, na época ora recordada, se devia, incontestavelmente, às excelentes condições mesológicas proporcionadas pela abundância de matas.

Já disse um veterano cafeeiro que o café vai bem quando sente "cheiro de mata"... Quanta força de expressão na divisa da campanha do reflorestamento: — "Reflorestar, é combater o deserto".

"Neste município — escreve o botânico Correia de Melo — o primeiro que em sua chacara fez uma pequena plantação de "cafeseiros" foi o tenente Antonio Francisco d'Andrade, que por certo fazia uso do "café"; porquanto cerca do ano de 1807 ou 1809, de sua chacara era trazido para esta cidade o "café" em cercas; aqui era despulpado, seco ao sol estendido na rua, em

frente à casa de sua residência, sita na rua do Rosario, esquina da de Barreto Leme; e depois era socado às mãos em pilões. Este pequeno "cafesal", tendo o dito tenente Andrade com seus 8 ou 10 filhos marchando, voluntariamente, para as guerras do Sul, ficou, por isso, abandonado e aniquilou-se. Em 1817, tendo o capitão Francisco de Paula Camargo ido ao Rio de Janeiro por ocasião dos festejos que se faziam pelo casamento do príncipe d. Pedro (depois d. Pedro I, imperador do Brasil), viu ali vender-se o "café" limpo a 8\$ ou 9\$ rs. a arroba. Induzido por este vantajoso preço e, além disto, instado pelo conde dos Arcos, de quem era amigo, de volta para aqui, não só plantou um "cafesal" que, provavelmente, ainda existe na fazenda ora pertencente ao sr. tenente Barros Dias, sendo o lugar da plantação não longe da olaria daquela fazenda, que ficou conhecida pelo nome "d'O café", — mas ainda instalou com seu parente e amigo tenente-coronel Joaquim Aranha Barreto de Camargo, para que fizesse igual plantação; o que de fato aconteceu".

Fizemos considerações, linhas acima, em torno das árvores de sombra, preconizadas, presentemente. Lelamos, agora, o que ficou claramente expresso, no trabalho de Correia de Melo, no concernente a essa prática: — "Estes dois "cafesais" (Correia de Melo grifa, sempre, as palavras "café", "cafesal", "cafeseiros", etc.), porém, ainda foram abandonados: o do primeiro porque não tendo o consumo conservado o alto preço observado no Rio de Janeiro, julgou mais acertado continuar com a cultura da cana e fabricação do açúcar, que, então, constituía a principal indústria do município; e o do segundo, por ser seu proprietário mal informado sobre o tratamento desta planta, que lhe disseram não vegetar bem se não à sombra, preparando a terra para a plantação deixou ficar as árvores altas para produzirem o competente abrigo; e disso resultou que o "cafesal" pouco ou quase nada produzia. Algum tempo depois, sendo esta mesma fazenda passada ao poder do distinto cidadão e inteligente lavrador Francisco Egídio de Sousa Aranha, parente e genro do tenente-coronel Aranha, começou aquele, ou porque o preço que alcançava o açúcar fosse extremamente baixo, ou porque fosse mais audacioso e empreendedor do que os seus co-municipes, a beneficiar e a aumentar a plantação feita por seu sogro; no que não devia encontrar dificuldades, atenta a grande quantidade de mudas que deviam existir no velho "cafesal". Esta tentativa, felizmente, teve um ótimo êxito".